



UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CAHL – CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS

COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO ENTRE
PAIS E FILHOS: A experiência do CRAS de São Félix**

Cachoeira- BA

2019

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO FAMILIAR SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO
ENTRE OS RESPONSÁVEIS E FILHAS E FILHOS ADOLESCENTES: A
EXPERIÊNCIA DO CRAS DE SÃO FÉLIX**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como Avaliação Final para a obtenção do grau de bacharelado em Assistência Social.

Orientado pela prof^a Dr^a Simone Brandão.

Cachoeira-BA

2019

FERREIRA, Camila Rodrigues dos Santos. **A importância do diálogo familiar sobre sexualidade e gênero entre os responsáveis e filhas e filhos adolescentes:** a experiência do CRAS de São Félix/ Camila Rodrigues dos Santos Ferreira. – Cachoeira, 2019. 55fs.

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Assistência Social. UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. CAHL – Centro de Artes Humanidades e Letras. Colegiado de Serviço Social. Cachoeira-BA, 2019.

1. Sexo, Sexualidade e Gênero. 2. Diálogo. 3. Pais e filhos

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS FERREIRA

**A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO FAMILIAR SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO
ENTRE OS RESPONSÁVEIS E FILHAS E FILHOS ADOLESCENTES: A
EXPERIÊNCIA DO CRAS DE SÃO FÉLIX**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como Avaliação Final para a obtenção do grau de bacharelado em Assistência Social.

Orientado pela prof^a Dr^a Simone Brandão.

Cachoeira, ____/____/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Simone Brandão
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Albany Mendonça Silva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Camila Borges
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

À Deus, autor e doador da vida, agradeço infinitamente pelo seu amor e cuidado, agradeço por ser meu amigo de todas as horas e por sonhar comigo o meu sonho me permitindo realizá-lo. Obrigada pela inspiração e oportunidade de concluir este trabalho.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e apoio em todas as horas. Vocês foram essenciais para a realização deste sonho, afinal, vocês sempre sonharam em ver sua filha formada e assim me incentivaram a desde menina escolher uma profissão como uma meta de vida. Essa vitória também é de vocês e eu os amo muito.

À minha orientadora professora Dr^a Simone Brandão, que com seriedade e compromisso conduziu as orientações para a construção desta pesquisa. Obrigada professora por sua paciência e partilha de conhecimentos.

À minha avó que sempre me confortou com suas palavras, obrigada pelo seu carinho, eu amo você.

À Angela, funcionária do CRAS de São Félix, a qual muito me ajudou durante as entrevistas realizadas.

À Denise Lima, minha supervisora de estágio, obrigada pelo seu apoio e por ser essa pessoa maravilhosa. Sou feliz porque deixaste de ser minha supervisora e passou a ser minha amiga.

Ao corpo docente do Serviço Social da UFRB, em especial, a Albany Mendonça e Camila Borges por se fazerem presentes na minha banca.

*“Não posso ver mérito algum em se ter vergonha da sexualidade.”
Sigmund Freud*

RESUMO

O presente trabalho buscou demonstrar a relevância do diálogo familiar, entre mães e pais no que diz respeito à sexualidade e gênero. Considerando que a adolescência é uma fase de grandes mudanças na vida dos indivíduos e que, portanto, necessitam de um suporte dos pais ou responsáveis, através do diálogo e da troca, em especial sobre questões relativas à construção da sexualidade e do afeto, esta pesquisa foi realizada com o intuito de analisar de que forma as famílias trabalham as questões da sexualidade e de gênero com os e as adolescentes. Tivemos como locus de pesquisa o CRAS de São Félix, do bairro Salva Vidas, no município de São Félix - BA. As entrevistas foram realizadas com as famílias e adolescentes integrantes de grupos assistidos pelo referido CRAS, totalizando X adolescentes entrevistados e X familiares participantes do estudo.

Como resultado, foi possível notar que muitos pais tem se esforçado para manter um relacionamento de proximidade com os filhos, pois compreendem a necessidade dessa ação. Entretanto, ainda é preciso um trabalho de reflexão e despertar da consciência de forma, que as famílias percebam a relevância do diálogo, diminuindo a distância entre pais e filhos, trazendo segurança ao lar e reduzindo DSTs, gravidez precoce, bem como desmistificando os preconceitos contra LGBTI.

Palavras-Chave: Sexo – Sexualidade – Gênero – Diálogo – Família

ABSTRACT

The present work sought to demonstrate the relevance of family dialogue, between mothers and fathers with regard to sexuality and gender. Considering that adolescence is a phase of major changes in the lives of individuals and that, therefore, they need support from parents or guardians, through dialogue and exchange, especially on issues related to the construction of sexuality and affection, this research was carried out in order to analyze how families work with sexuality and gender issues with adolescents. We had as a locus of research the CRAS of São Félix, from the Salva Vidas neighborhood, in the municipality of São Félix - BA. The interviews were conducted with the families and adolescents belonging to groups assisted by the referred CRAS, totaling X adolescents interviewed and X family members participating in the study.

As a result, it was possible to notice that many parents have been striving to maintain a close relationship with their children, as they understand the need for this action. However, there is still a need for reflection and awakening awareness so that families realize the importance of dialogue, reducing the distance between parents and children, bringing security to the home and reducing STDs, early pregnancy, as well as demystifying prejudices against LGBTI.

Keywords: Sex - Sexuality - Gender - Dialogue - Family

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA E FAMÍLIA A PARTIR DE UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL E HISTÓRICA.....	11
1.1 A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E SUAS PLURALIDADES.....	13
1.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA.....	17
2. DISCUSSÕES CONCEITUAIS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	22
2.1 A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	24
3. SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO FAMILIAR: EMANCIPAÇÃO E REPRESSÃO	29
3.1 FAMÍLIA E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: CRAS DE SÃO FÉLIX – BA.....	33
3.2 ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES.....	33
3.3 ENTREVISTA COM PAIS DE ADOLESCENTES.....	41
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase que exige um cuidado especial, pois é um período de muitas transformações, físicas, biológicas e psicológicas pelas quais as e os jovens passam o que inspira a necessidade de apoio e diálogo familiar a fim de que, através de orientações e suporte entre pais e/ou responsáveis e filhos e filhas, as construções das subjetividades dos adolescentes se deem de forma menos conflituosa, especialmente no que diz respeito à construção de suas identidades sexuais e de gênero, além da importância de orientações sobre prevenções de ISTs/hiv/aids e gravidez indesejada.

O tema da sexualidade, por sua vez, ainda é movido por muitos preconceitos e tabus, fator que pode dificultar que o diálogo ocorra de maneira aberta entre pais e ou responsáveis e filhos e filhas.

Compreendendo que os pais possuem um papel fundamental na transmissão de valores através do diálogo e que na maioria das vezes estes não sabem como lidar com seus filhos ou como tratar temas ainda considerados tabus como a sexualidade, identidade de gênero, gravidez, prevenção de ISTs, questiona-se: como o diálogo entre pais e filhos pode contribuir de forma positiva para a construção das subjetividades de adolescentes no município de São Félix sobre a orientação da sexualidade?

Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar de que forma é trabalhada a questão da sexualidade e de gênero pela família e como a mesma lida com essa realidade junto dos e das adolescentes.

Tivemos como locus de pesquisa o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de São Félix localizado no bairro Salva Vidas no município de São Félix, Ba.

Os objetivos específicos desse trabalho foram: a) Identificar como se dá a relação entre pais e filhos adolescentes no que diz respeito ao diálogo sobre sexualidade; b) reconhecer a relevância do diálogo familiar na orientação dos adolescentes, prevenindo problemas para adolescentes e família como a contaminação dos e das jovens por ISTs/hiv/aids, a gravidez precoce e a violência própria da LGBTfobia dentro das famílias.

Sobre as escolhas metodológicas, Esse estudo teve uma abordagem qualitativa e método histórico dialético que, segundo Saviane (1994):

Com efeito, a lógica dialética não é outra coisa senão o processo de construção do concreto de pensamento (ela é uma lógica concreta) ao passo que a lógica formal é o processo de construção da forma de pensamento (ela é, assim, uma lógica abstrata). Por aí, pode-se compreender o que significa dizer que a lógica dialética supera por inclusão/incorporação a lógica formal (incorporação, isto quer dizer que a lógica formal já não é tal e sim parte integrante da lógica dialética). Com efeito, o acesso ao concreto não se dá sem a mediação do abstrato (mediação da análise como escrevi em outro lugar ou “detour” de que fala Kosik). Assim, aquilo que é chamado lógica formal ganha um significado novo e deixa de ser a lógica para se converter num momento da lógica dialética. A construção do pensamento se daria pois, da seguinte forma: parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto. (Saviani, 1994; p.11)

Com o auxílio desse método, o pesquisador pode compreender melhor os fenômenos estudados, pois, a partir das coisas mais simples, pode-se chegar às mais complexas, ao refletir sobre as relações cotidianas entre pais e filhos no que diz respeito ao diálogo familiar sobre sexualidade e a construção das identidades dos adolescentes.

Para a realização deste estudo também foi feita pesquisa e revisão de literatura. A coleta de dados se deu através da realização de entrevistas semi-estruturadas.

Para Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

A escolha de realização da pesquisa no Município de São Félix – BA se deu pela possibilidade de acesso à população alvo do estudo, adolescentes e pais e/ou responsáveis assistidos pelo CRAS, facilitado pela assistente social do referido aparelho de assistência e pelo fato de valorizarmos a produção de conhecimento no e sobre o Recôncavo Baiano, território no qual a UFRB está implantada, fazendo parte assim de uma das leis municipais.

Assim, a pesquisa de campo possibilitou realizar observação simples e entrevistar alguns pais e adolescentes da cidade escolhida.

Sobre os passos metodológicos, realizei, inicialmente, uma visita ao CRAS de São Félix – BA, para observar como acontece o trabalho realizado com os grupos de pais e adolescentes da comunidade assistida. Apresentei minha pesquisa à assistente social e falei do tema a ser abordado e da relevância para a própria

comunidade. Em seguida, pedi a oportunidade de uma nova visita para realizar as entrevistas com pais e adolescentes.

Nessa segunda visita, fizemos as apresentações, minha e do projeto, quando compareceram cinco adolescentes, entre eles dois rapazes e três moças; e quatro mães. Iniciamos as entrevistas falando da seriedade do trabalho e do respeito ao anonimato dos entrevistados. Realizamos então as entrevistas cujas respostas nortearam o capítulo de análises dessa pesquisa. Encerramos as entrevistas, agradecendo a participação de todos e a disposição em nos ajudar.

A presente pesquisa foi dividida em três capítulos, sendo que o primeiro traz uma compreensão sobre a adolescência e família a partir de uma discussão conceitual e histórica, abordando ainda sobre as famílias bem como a história das famílias e suas pluralidades e a construção social da adolescência.

O segundo capítulo trata das discussões conceituais e históricas sobre gênero e sexualidade com um olhar específico para a sexualidade na adolescência. Em seguida o capítulo três aborda o respeito à sexualidade de adolescentes no contexto familiar: emancipação e repressão, trazendo as análises das entrevistas realizadas no CRAS de São Félix – BA. O quarto e último capítulo traz as considerações finais da pesquisa, abordando de modo geral aquilo que foi trazido à discussão em todo o trabalho e apresentando algumas conclusões produzidas com este estudo.

1. COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA E FAMÍLIA A PARTIR DE UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL E HISTÓRICA

A adolescência é uma fase de grandes transformações na vida do indivíduo, ao adentrar nesta etapa, eles e elas passam por mudanças físicas, psicológicas e comportamentais. Portanto, necessitam de auxílio para atravessarem com mais facilidade por tais transformações.

As mudanças que ocorrem na adolescência são resultados de impactos emocionais no âmbito familiar e social, tais mudanças são vividas como um tipo de marco na crise de identidade desses indivíduos no que diz respeito a subjetividade e aos valores tradicionais, ou seja, acontece um atrito entre velho e novo, fazendo com que o jovem seja conduzido pelos valores da época em que vive (DIAS, 2000).

Sabemos que o período da adolescência é marcado pelo contexto social e econômico ao qual o adolescente faz parte, pois o mesmo o influencia muito em seu comportamento e desenvolvimento de sua própria identidade. Devido as inúmeras mudanças que a adolescência traz, esses indivíduos muitas vezes, são vistos pelos adultos, como um grupo “estranho” e difícil de compreender.

Entretanto, é necessário salientar que a fase da adolescência é vista como uma fase difícil, mas não só pelos adultos, os próprios adolescentes também percebem assim, contudo esse período do seu desenvolvimento não necessita ser visto ou mesmo transformado num período emergencial com dificuldades e conflitos nas interações, pois a adolescência também pode e deve ser vivenciada pelos familiares como uma fase de maior aproximação entre pais e filhos, onde a troca de experiências seja uma realidade sem crises e turbulências (LIPP, 2014).

Ser adolescente não é fácil, e passar por essa fase sozinho é ainda mais difícil. Nesse sentido, é tão imprescindível que os pais estejam atentos a essas mudanças, auxiliando seus filhos, tirando suas dúvidas, ajudando-os a atravessar esse momento, conhecendo a si próprios e compreendendo as mudanças que acontecem em seu corpo e no corpo do outro, bem como na construção de suas subjetividades, pois os pais sabem das dificuldades passadas por esses

adolescentes, na medida em que vivenciaram tais mudanças. Assim segundo Dias e Gomes (1999):

Os pais de hoje são os adolescentes que vivenciaram essa fase discutindo o direito ao prazer e à liberação sexual da mulher, o que influenciou suas visões de mundo, deixando-os inseguros, viram seus padrões morais de infância ser derrubados sem uma construção interna. Esses aspectos podem constituir-se, em parte, em indicadores dos motivos que levam os pais a se sentirem bloqueados para discutir com os filhos os problemas relacionados à sexualidade. Apesar dessa dificuldade, entendemos que é no convívio familiar e entre as pessoas que se estimam que as questões sexuais devam ser discutidas e analisadas, levando-se em conta os valores socioculturais e as crenças religiosas de cada família. (DIAS; GOMES, 1999, p.165)

É fato que a realidade vivida por muitos adolescentes atualmente, já foi um acontecimento na vida de seus pais, em sua época provavelmente alguns, passaram pelas mesmas dúvidas e questionamentos. Viram seus corpos mudarem e seus sentimentos aflorarem e sem poder ao menos perguntar o que estava acontecendo. Em épocas mais antigas, principalmente as meninas não podiam sequer se expressar, pois, as mulheres deveriam ficar mais reclusas conforme os valores morais do período.

Sem dúvida a família é extremamente importante na vida de qualquer ser humano, e quando se trata de adolescentes é ainda mais relevante, pois é o primeiro ambiente que se faz parte desde o nascimento.

Sabe-se que a família é a instituição mais antiga que existe, como regra, idealiza-se que na família as pessoas interajam de maneira afetiva e que seja uma instituição responsável por proteger e suprir as necessidades dos seus participantes (OLIVEIRA, 2017). A família é, portanto, a primeira referência dos seres humanos, ela é considerada o alicerce para o desenvolvimento das pessoas e para o melhoramento de suas interações.

O relacionamento entre os membros da família é algo de grande importância, desde os momentos de interações até as discussões e conflitos, pois é a partir dessas vivências que as relações e as subjetividades vão sendo construídas. Veremos agora, como tais construções e relações se deram ao longo da história.

Nesse sentido, é a família um dos meios principais de formação dos adolescentes, por ser, historicamente uma das maiores fontes de transmissão de valores de convivência social e para a formação da personalidade, da qual a sexualidade e identidade de gênero fazem parte, entretanto, nem sempre a família

está preparada para estabelecer esse debate, isento de preconceitos e estimulando a construção dessas identidades de forma livre.

Veremos agora, como as construções familiares e suas relações se deram ao longo da história.

1.1 A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E SUAS PLURALIDADES

É necessário resgatar a história, para saber analisar e até mesmo conhecer como se dava todo o processo de construção dessa instituição chamada família. Daí vale salientar que o modelo histórico da família nos remotos tempos era especificamente patriarcal, ou seja, o pai era o mantenedor dos sujeitos que faziam parte da família. Ele também era aquele que tinha a voz ativa, quem “mandava e desmandava”, tendo domínio e controle especialmente sobre as mulheres.

Na ideia do patriarcado, a mulher era objeto do homem, sua existência se dava apenas para a satisfação do mesmo.

Neste regime, as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores. Esta soma/mescla de dominação e exploração é aqui entendida como opressão. (SAFFIOTI, 2004, p.105)

Entende-se que a dominação patriarcal acontece por meio da apropriação do trabalho reprodutivo e também pela visão das mulheres como objeto sexual. Dessa maneira, as mulheres estão sujeitas ao homem num verdadeiro processo de dominação, cuja centralização está na sexualidade.

A mulher, a filha, os filhos dependentes quase sempre sofriam com os desmando do seu patriarca, que comandava a unhas de ferro a família, Resultando numa “violência quase sempre muda, que passou a fazer- parte da linguagem através da qual a família se comunicava, uma linguagem circular que reiterativa da própria violência.” (SARTI, 1994, p.67)

De acordo com Ariès (1975) A partir do século XVII:

[...]a família seria retratada num instantâneo numa cena viva, num certo momento de sua vida quotidiana: os homens reunidos em torno da lareira, uma mulher tirando um caldeirão do fogo, uma menina dando de comer ao

irmãozinho. Daí em diante, torna-se difícil distinguir um retrato de família de uma cena de gênero que evoca a vida em família (ARIÈS, 1975, p.195)

Por conseguinte, as mulheres foram se revoltando com o fato de ter que obedecer, de terem que ser submissas à autoridade desmedida do provedor do lar e se organizaram nos movimentos feministas*, que a partir de suas lutas foram conquistando seus lugares na sociedade e se impondo como ser de igual importância na família, embora ainda hoje tal igualdade não esteja consolidada. Oliveira (2008) salienta que:

Nesse contexto, é lícito destacar o papel do trabalho feminino no âmbito dessas transformações. Além de mudanças no âmbito político, econômico e social, percebem-se também mudanças nos aspectos culturais. Anteriormente, o trabalho feminino restringia-se ao cuidado com o lar e com os filhos, porém, no contexto contemporâneo está havendo um movimento em que as mulheres são, cada vez mais, responsáveis por subsidiar financeiramente seus lares, não obstante, elas estão delineando sua presença no mercado de trabalho. (OLIVEIRA, 2008, p. 225)

Assim, o modelo familiar vai tomando um novo rumo, vai se firmando na busca de que homens e mulheres possam trabalhar de igual maneira no sustento dessa instituição e nesse sentido os papéis de gênero dentro das famílias também vão sendo reconfigurados: “A autoridade paterna perdeu sua força simbólica, incapaz de mobilizar os elementos morais necessários à obediência, abalando a base de sustentação dos padrões patriarcais em que se baseia a família pobre urbana.” (SARTI, 1994, p.67-68).

Após toda a luta das mulheres em movimentos feministas e no decorrer do tempo muitos resultados foram obtidos, também no campo do trabalho, embora ainda não haja igualdade. Mas ainda assim, é preciso valorizar essa luta, pois hoje é muito comum ver as mulheres nas mais variadas profissões. E isso se deve a sua busca pela igualdade de gênero.

É possível notar, portanto, que a família vem passando por transformações no decorrer da sua história e dessa maneira, é preciso considerar que nas últimas décadas uma mudança no perfil da família brasileira aconteceu, mas esta, desde sempre, teve a mulher responsabilizada pela função do cuidado, como característica

* O feminismo, como movimento social visível se desenvolveu no final do século XIX e centralizou-se na reivindicação dos direitos políticos – o direito de votar e ser eleita por exemplo –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. (DELPHY, 2000)

do modelo ideal de uma família que deveria ser composta por um casal heterossexual e filhos, ou uma família nuclear (DURHAM 1983 apud OLIVEIRA, 2017, p.196).

O fato é que mesmo nos dias atuais, sendo as mulheres trabalhadoras e mantenedoras do lar, muitas vezes em famílias monoparentais, ainda existem os padrões patriarcais a moldar as relações familiares. Sim, nos dias atuais, as famílias ainda se permitem viver o modelo arcaico no qual o que se refere ao universo masculino é de maior valor e o que é feminino é depreciado. De acordo com Sarti (1994):

(...) a força simbólica destes padrões ainda hoje, reafirmando a auto-idade masculina pelo papel central do homem como mediação com o mundo externo, e fragilizando socialmente a família onde não há um homem "provedor", de teto, alimento e respeito. (SARTI, 1994, p.68-69)

A sociedade, portanto, ainda impõe às famílias um padrão patriarcal para viverem e serem bem vistas, aqueles que não se adequam a esses padrões tendem a ser discriminados e colocados à margem. Entretanto, que nesse modelo, não é somente a mulher quem sai perdendo, “os homens se sentem os responsáveis pelos rendimentos familiares. É sobre ele que recai mais forte o peso do fracasso. É o homem quem falta com sua obrigação quando o dinheiro não dá.” (SARTI, 1994, p.73) Ainda assim, é preciso salientar que:

Quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas, podem continuar designando, em algum nível, um "chefe" masculino. Isto significa que, mesmo nos casos em que a mulher assume o pape de provedora, a identificação do homem com a autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera. (SARTI, 1994, p.84)

Nessa visão do modelo familiar anacrônico o homem é o chefe de família, ele “é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o respeito” (p.78). Já a mulher enquanto dona de casa, a ela cabe “manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar (SARTI, 1994, p.78).

Compreende-se que de fato as obrigações que homem e mulher desempenham na família é algo que sempre irá existir. No caso das famílias de baixa renda, os conflitos serão ainda maiores devido ao fato de que o chefe da família nem sempre irá conseguir suprir as necessidades dos seus, levando a uma

situação de impotência. Por consequência disso, “as famílias desfeitas são mais pobres e, num círculo vicioso, as famílias mais pobres desfazem-se mais facilmente” (SARTI, 1994, p.82)

Assim, podemos afirmar que apesar da estruturação patriarcal das famílias, elas têm sofrido grandes modificações no decorrer da história por causa de inúmeras alterações que a sociedade tem passado e ainda são consideradas uma das principais instituições de socialização do ser. Essa realidade de novas crenças, valores e práticas sociais têm refletido nas mudanças do estilo de vida das famílias devido ao número cada vez maior de mulheres que têm uma rotina de trabalho fora de casa e também por conta de um maior número de pessoas vivendo sozinhas e das uniões livres com menor número de filhos (Dias, 2011).

Em meio a tantas composições familiares existentes atualmente destaca-se a família monoparental ou também conhecida como uniparental. Esta de acordo com o Censo Demográfico (IBGE, 2014) faz parte das três mais comuns em nossa sociedade. Dessa maneira, é importante saber um pouco mais sobre essa composição.

A família monoparental diz respeito a um núcleo familiar formado por uma mãe ou um pai que vive com filhos dependentes, cuja presença do outro genitor ou de alguém que o substitua não existe (Marin & Piccinini, 2009). É muito comum se ver mães criando seus filhos sozinhas, sem a presença de um pai, sendo mais raro mesmo o contrário também. E não se pode afirmar que exista um só motivo para que isso aconteça a existência de famílias monoparentais pode ser uma realidade devido a separação ou ao divórcio, bem como na adoção ou ausência de um dos genitores em consequência do abandono (Trost, 1980), morte ou até mesmo por opção de qualquer uma das partes, que preferem esse modelo familiar (Szapiro & Féres-Carneiro, 2002).

Outro modelo familiar comum nos dias atuais é a homoparental, formado por casais constituído por pessoas do mesmo sexo que podem incluir ou não filhos. Ter filhos nesse caso configura-se em um desafio de encontrar uma maneira menos dolorosa para a realização desse grande desejo, na medida em que ainda envolve grande preconceito social.

Roudinesco (2003) nos traz uma reflexão sobre os diversos arranjos familiares da contemporaneidade não mais, necessariamente, consanguíneos, mas

os mais diversos e que, à despeito de suas configurações, certamente ainda são células de poder na sociedade:

De agora em diante esta não será mais vista apenas como uma estrutura do parentesco que restaura a autoridade derrotada do pai, ou sintetizando a passagem da natureza à cultura através dos interditos e das funções simbólicas, mas como um lugar de poder descentralizado e de múltiplas aparências. Em lugar da definição de uma essência espiritual, biológica ou antropológica da família, fundada no gênero e no sexo ou nas leis do parentesco, e em lugar daquela, existencial, induzida pelo mito edipiano, foi instituída outra, horizontal e múltipla, inventada pelo individualismo moderno e logo dissecada pelo discurso dos especialistas. Essa família se assemelha a uma tribo insólita, a uma rede assexuada, fraterna, sem hierarquia nem autoridade, na qual cada um se sente autônomo ou funcionalizado (ROUDINESCO, 2003: 155).

É preciso dizer da necessidade emergente de mais respeito aos modelos de família existentes em nossa sociedade. É preciso ainda lutar para que nossos governantes exerçam seu papel de garantia às diferenças e que ponham a justiça a favor daqueles que apenas querem ter seus direitos respeitados. As condições adversas que as pessoas LGBTs encontram para construir seus laços afetivos precisam ser revertidas, do contrário teremos sempre famílias estigmatizadas por algo que é tão natural, mas que ainda não é totalmente compreendido e aceito socialmente.

Assim, apesar da grande diversidade existente nas composições familiares, o preconceito social direcionado a famílias não convencionais ainda persiste.

É nesse contexto de adversidades externas que a instituição familiar irá se constituir historicamente e desempenhar o seu papel na construção da subjetividade de seus membros adolescentes, como veremos a seguir.

1.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA

A tendência de uma criança que tem seus direitos respeitados e suas necessidades assistidas é se tornar um adolescente, saudável e bem relacionado com a sociedade. Mas quem ou quais são as instituições sociais historicamente responsáveis pela construção social do adolescente?

Sabe-se que existem muitas teorias a respeito da adolescência, e que lidar com essa fase do indivíduo é o mesmo que lidar com o futuro, por todas as possibilidades que ela apresenta, assim, é fundamental conhecer o processo de construção e as características da adolescência.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, criado em 1990, a adolescência compreende a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

Para Melucci (1997), pode-se compreender a adolescência como a idade da vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade (MELUCCI, 1997).

É preciso lembrar que o processo de adolecer implica no reconhecimento de um novo corpo em meio ao qual as identidades são reorganizadas (CIAMPA, 1994). Nessa fase da vida, os adolescentes se encontram vulneráveis, sentem a necessidade de extravasar energia, tudo isso acaba provocando uma grande crise com os conflitos internos e de ordem social também.

A flutuação entre a infância e a adolescência é muito dolorosa. Os adolescentes queriam ser adultos de súbito, ou não crescer nunca. Também para os pais aceitar as progressões e regressões necessárias na adolescência é um progresso conflitivo. [...] Isso se dramatiza na vida diária do adolescente, que, por um lado, deve submeter-se a uma disciplina, escolar ou doméstica, e, por outro lado quer participar ativamente na vida do adulto, para o que necessita de liberdade. (ABERASTURY, 1990, p. 25 e 26)

A adolescência é uma fase do desenvolvimento evolutivo, na qual a criança passa para a vida adulta num processo gradual que acontece mediante as condições ambientais e a sua história pessoal. Esse momento da vida é caracterizado pelo modo com que a sociedade o representa, como por exemplo a sociedade moderna, em que o processo é mais lento e doloroso e enquanto nas primitivas, a adolescência era marcada pelos ritos de passagem, onde já começava a participar do mundo adulto (DAVID LEVINSKY, 1995).

Sendo assim, percebe-se que a adolescência recebe significados diferentes e também modos de lidar que divergem entre si. Os pais da atualidade não conseguem compreender o momento em que seu filho está passando e tem dificuldade de lidar com essa transição. Os adolescentes por sua vez, querem ser compreendidos pelos familiares e pela sociedade, num momento em que está formando sua própria identidade. De acordo com Erikson (1968):

A formação da identidade requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a forma como os outros o julgam em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles. Ao mesmo tempo ele julga a maneira como os outros o julgam, de acordo com o modo como ele se vê, em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele (Erikson, 1968, p. 22, 23)

De acordo com o que se pode compreender, o autor está demonstrando a relevância de reconhecer que a autonomia da adolescência também é um fenômeno em que predomina os aspectos culturais, pois se trata de um momento em que a identidade da criança está em crise e nessa transição, o adolescente tenta construir uma nova identidade para si mesmo.

O fato é que a adolescência é a fase da puberdade, um período de desenvolvimento sexual dos meninos e das meninas, fase na qual começam a se descobrir sexualmente e percebem as transformações do seu corpo. É nesse momento ainda que surgem as características sexuais secundárias, como o aparecimento dos pelos e voz mais grossa nos homens e o aumento dos seios e quadris nas mulheres, além de outras transformações físicas. De acordo com Freud, as mudanças corporais e psíquicas são compreendidas pelo termo puberdade. Segundo ele:

Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica, agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo as pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (Freud, 1996, p. 196)

O adolescente e a adolescente estão numa fase de descoberta do seu próprio corpo, de suas orientações e desejos, nesse momento ele precisa refazer o conhecimento que tem de si mesmo, do seu corpo, que agora é desconhecido para ele e lhe proporciona novas sensações.

A adolescência não é algo que acontece por escolha nem mesmo algo que se saiba como atravessar. Ela é o resultado de características absolutas, bem como pela busca da identidade e da independência do indivíduo. O adolescente é visto de uma maneira negativa, como sendo um sujeito sem controle, que não tem a capacidade de decidir; no pensamento de muitos, o adolescente retalia, agride, resiste; são malvados. São percebidos como incapazes (WALDMAN, 1997).

Infelizmente passar pela fase da adolescência tem sido cada vez mais difícil, principalmente para esses indivíduos em transição. Sentem-se injustiçados, mal compreendidos, mal interpretados, em especial por aqueles que fazem parte da sua convivência. O que se pode fazer para ajudá-los a passar por essa fase de maneira mais fácil?

A orientação dada em especial aos adultos é que possam dispor de tolerância e compreensão, levando em consideração que a adolescência é uma fase natural, ela vai acontecer com toda criança, sendo assim, o único jeito é ser tolerante. Zagury (2001, p.145-163) chama a atenção para os aspectos negativos da adolescência, "como capacidade inesgotável de se opor, insegurança e baixa autoestima, certa dose de depressão; precisam de amor, são jovens e estão aprendendo". Tais aspectos são destinados à idade. São características negativas no momento em que se leva em conta que existe a imaturidade, até porque não são características desejadas por ninguém.

O novo corpo que o adolescente carrega agora é um fator de angústia. Afinal, não está completamente formado e significa a perda de um ou outro corpo já conhecido e familiar, o corpo de criança. A identidade que o adolescente construiu a partir de um esquema corporal infantil, tem agora que ser reformulado, reconstruído.

O luto pelo corpo infantil é um dos pontos chave para compreendermos o processo de adolescência. O luto é pelo corpo propriamente dito e por aquilo que esse corpo significa: as relações que o indivíduo mantém consigo e com os outros, principalmente com os pais, e as responsabilidades que o corpo carrega.

O adolescente precisa fazer o luto pelos pais da infância, o que significa perder o refúgio e a proteção que eles representam (STENGEL, 1996, P.40)

Sendo assim, em meio a tantos conflitos e transições a adolescência se constitui em uma fase que convoca a família a promover padrões e limites nas relações geracionais, lócus de vários conflitos, de forma contribuir para uma convivência tranquila do adolescente em sociedade.

Esse momento de troca emocional entre os adolescentes e as suas famílias, é, portanto, necessário ao desenvolvimento individual, seja físico ou emocional, para atravessar as fases conflitivas do adolecer.

Portanto, a família tem, segundo Pratta e Santos (2007) a função social da transmissão da cultura social para seus integrantes, sendo responsável pelo processo socializador, no qual os adolescentes constroem suas identidades e subjetividades, incluindo-se aquelas relacionadas ao gênero e à sexualidade. É especialmente a família, entre as instituições das quais os adolescentes vão fazer parte, que vai transmitir valores e crenças para a sua construção em sociedade.

Entretanto, nem sempre os valores transmitidos pela família se coadunam com aqueles externos que os foram constituindo na transição da infância para a adolescência e no desenvolvimento desta, pois no processo educativo de pais para filhos os referenciais e valores da família são rígidos e normativos, chocando-se com

a necessidade de abertura no diálogo sobre gênero e sexualidade, por exemplo, necessária para um desenvolvimento emocional saudável dos adolescentes.

Nesse sentido, nos debruçaremos agora sobre algumas definições conceituais em gênero e sexualidade.

2. DISCUSSÕES CONCEITUAIS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Ao discutirmos conceitualmente sobre gênero e sexualidade, faz-se necessário estabelecer algumas diferenciações entre as categorias gênero e sexo, que comumente são consideradas sinônimos.

O gênero não tem relação com o sexo, não é determinado biologicamente, é uma identidade construída, porque o sexo diz respeito ao órgão genital e o gênero é uma construção cultural e social conforme apontam Beauvoir (1980) e Scott (1995) em suas obras.

Portanto, o ser humano que nasce com o sexo masculino nem sempre terá uma identidade de gênero masculina. O fato é que homens e mulheres podem exercer papéis diferenciados a depender da forma como constroem seu gênero, papéis, inclusive, que mudam de acordo com a sociedade e com o passar do tempo e que seguem uma heteronormatividade, que seria um sistema que normatiza a construção das identidades e papéis de gênero pelos indivíduos, a partir de uma lógica binária dos universos femininos e masculinos e que define que quem nasce com vagina é mulher e quem nasce com pênis é homem. (LOURO, 2006)

As relações sociais de poder entre homens e mulheres, na qual cada um tem seu papel social e que é definido pelas diferenças sexuais são denominadas de relações de gênero. Este tipo de relação é por si desigual e até mesmo injusta, pois imposta pela sociedade antes mesmo da criança entrar na escola, delimitando seu espaço e escolhas, reforçando os preconceitos e privilégios do sexo masculino em detrimento do feminino. Além de intervir na construção da identidade sexual das meninas e dos meninos, fazendo uso da disciplina como ferramenta para orientar a conduta das crianças segundo seu gênero.

É preciso ainda enfatizar que o uso do termo "gênero" para definir relações sociais entre os sexos contesta radicalmente explicações biológicas que buscaram justificar historicamente as diversas formas de subordinação feminina (SCOTT, 1995). Ainda segundo Scott (1995):

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil,

pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995: 75).

A discussão sobre as relações de gênero vai além da observação que se pode fazer sobre as relações sociais, pois os seres humanos convivem de maneira permanente em meio a relações de poder e o poder é distribuído socialmente e de forma hierarquizada entre os gêneros.

Dessa forma, entende-se que o gênero ainda é uma das primeiras formas de distribuir e até mesmo de dar significado ao poder, sabendo-se que aquilo que é classificado como masculino tende a ser mais forte, superior e poderoso; ao contrário do que é considerado feminino, pois é visto como mais fraco, com menos poder e por esse motivo deve ficar sob o universo de proteção e de submissão ao masculino (ALBEERNAZ e LONGHI, 2009).

Sabe-se que a discriminação existe, principalmente em relação aquilo que a sociedade julga ser “normal” ou não. Isto começa bem cedo, e pode-se perceber a partir do que Furlani (2005) diz abaixo:

Pais, mães e todos/as que se relacionam com a criança apresentam um comportamento que reforça (ou que constrói) as características sociais esperadas para aquele “sexo/gênero”. Trata-se de todo um conjunto de aspectos diversos como atitudes, linguagem, vestimentas, brinquedos, que, uma vez expressados no comportamento dos adultos, familiares e da sociedade, de um modo geral, contribuirão para a definição de uma identidade subjetiva a ser incorporada por aquela pessoa. (FURLANI, 2005, p. 51).

É real a existência de padrões que impõe um caráter anormal em relação a todas as coisas que não os correspondem ao que julgam ser o correto. Esta situação estimula a discriminação e o preconceito em meio a sociedade, seja na própria família e até mesmo no âmbito escolar, lugar este que deveria ser acolhedor e inclusivo, mas que por sua vez tem sido espaço frequente de preconceitos no dia a dia estudantil.

Assim, muitas vezes, a construção da identidade de gênero pelo e pela adolescente é diversa daquela estabelecida normativamente pela sociedade, incluindo aí a própria família, a escola e a religião. Esta diversidade, perfeitamente natural, tende a gerar conflitos entre adolescentes e as famílias contribuindo de forma negativa para a construção das suas subjetividades. O mesmo se da em relação à sexualidade dos adolescentes, como veremos a seguir.

2.1 A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

A sexualidade é um dos assuntos mais discutidos nos últimos tempos, e um dos grandes motivos é devido às conseqüências das dificuldades do diálogo aberto sobre esse tema, especialmente dentro de casa. O fato é que essa discussão ainda tem sido alvo de muitos mitos e tabus.

Tanto a vivência da sexualidade quanto a palavra em si foram expostos a diferentes sentidos ao decorrer da história. Sabendo que o percurso da sexualidade no Ocidente está ligada aos tempos da antiguidade grega e romana onde era vivenciada uma liberdade sexual sem pensar na noção do pecado ou da moral, até porque vivia-se o prazer completo e o sexo servia tanto para a reprodução como para busca de sentimentos profundos de amor, prazer sexual e a sensualidade (Pereira, 2008).

Mais para frente, na ascensão do Cristianismo, "construiu-se uma moralidade permanente" esta, manteve a castidade ou o casamento reforçando a negação ao prazer sexual de maneira a reduzir as práticas sexuais para "limites estreitos dos interesses procriadores" (Lima, 1996, p. 38). Dessa maneira o sexo era para gerar filhos e não para o prazer carnal.

Na sociedade atual, o tema sexualidade ainda está cercado de preconceitos e tabus, o que se justifica pela própria construção moral histórica da sexualidade, a qual, segundo Foucault (1988) se constitui em um dispositivo de poder, de controle sobre corpos e subjetividades.

Reconhecendo a relevância desse assunto, especialmente para a construção dos adolescentes, deveria se haver mais clareza nas discussões entre adultos e adolescentes inexperientes (CHARBONNEAU, 1987). Sabe-se que a sexualidade dos indivíduos vai se estruturando ao longo dos anos e que a mesma é inerente ao ser humano, no entanto, ainda se precisa avançar no debate e de maneira mais aberta na sociedade e principalmente dentro de casa, onde geralmente são evitadas discussões claras entre os adultos e adolescentes, especialmente quando se fala de sexualidades não normativas, ou dissidentes que fogem à heterossexualidade compulsória.

Ao pensar nesse segmento, analisamos como é importante compreender como o gênero se constrói na sociedade no tempo em que a heterossexualidade compulsória acaba discriminando e até mesmo excluindo outras expressões de

sexualidade numa hierarquização de gênero e conseqüentemente tornando a mulher um ser subordinado. A heterossexualidade compulsória¹ atinge rigorosamente categorias como mulher, homem, sexo, entre outras, dificultando seu direito de coexistir, fazendo com que a relação entre homem e mulher seja a única união natural e obrigatória.

Ao falar em sexualidade, os pensamentos na maioria das vezes se voltam ao ato sexual, porém compreende-se que este é um tema muito mais abrangente. Ela constitui “toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.” (Laplanche, & Pontalis, 1996, p. 476). A sexualidade é uma característica primordial do ser humano, faz parte de todas as etapas da sua vida, e é manifestada de variadas formas.

Afirmando as ideias acima citadas, Almeida (2003) ainda enfatiza que a sexualidade não depende apenas dos fenômenos biológicos para que possa acontecer, ele afirma que os homens são diferentes dos animais que fazem tudo por instinto, na sexualidade do homem outros fatores estão envolvidos. O autor diz que, “[...] a sexualidade no homem é não apenas um fenômeno biológico, mas também um fenômeno afetivo, emocional, intelectual e social” (p. 150).

É válido salientar que as novas experiências vividas com o despontar da adolescência podem aflorar sentimentos de medo e até mesmo de insegurança em relação à própria sexualidade. Sabendo que o sexo é algo desconhecido no mundo desse indivíduo, e isso é desafiador, ele tende a iniciar cada vez mais cedo à prática de relações sexuais, isso, muitas vezes, se deve à pressão do grupo social em que se encontra envolvido (FERNANDES ET AL. 1999).

Sabendo disso, é necessário que esses jovens recebam instruções e ensinamentos sobre a fase a qual estão passando. Precisam saber reconhecer os seus limites, reconhecer as mudanças do seu corpo e saber como se comportar mediante desejos que são aflorados nessa transição. Thiengo (2005) aborda a relevância da família nesse contexto, afirmando ser ela o berço cultural do indivíduo, aquela que deve ser levada em consideração na formação do cuidado, que deve por

¹ A expressão “Heterossexualidade compulsória” foi criada pela estadunidense Adrienne Rich (1980/2010), compreende a heterossexualidade como uma instituição política, em relação a qual, a mulher tem sido parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que suas autonomia e igualdade ameaçam a família, a religião e o Estado.

sua vez, dar enfoque as necessidades bem como as expectativas do adolescente e de sua família.

Não é segredo que a abertura do diálogo entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade pode criar um leque de possibilidades a discussão e a conquista de orientações que possam esclarecer dúvidas e questionamentos importantes dos adolescentes, e, além disso, pode apoiá-los na promoção de relacionamentos saudáveis, seguros e livres de receios no que diz respeito à sexualidade, mesmo que sua sexualidade seja dissidente da heterossexualidade compulsória. (Ressel, Junges, Sehnem, & Sanfelice, 2011).

Trabalhar a respeito da sexualidade com adolescentes deve ir além de temáticas que envolvem o descobrir do próprio corpo até o ato sexual em si. De acordo com Monesi (1993), o ato de se masturbar, por exemplo, é uma prática muito comum e importante para o autoconhecimento do corpo, entretanto nem sempre é aceita com naturalidade pelos familiares. Nesse contexto, aonde certamente vem à repressão da masturbação por meio dos familiares, contribui para o início de uma possível restrição da sexualidade na fase adulta.

Compreendendo que os adolescentes dão início à vida sexual entre os 15 e 16 anos (Vitiello, 1994). Por essa e outras razões, o diálogo é imprescindível e acima de tudo, o conhecimento e mente aberta dos pais em face da sexualidade precisa ser uma realidade presente na família. Não é possível que em pleno século XXI as pessoas ainda vejam a sexualidade como algo proibido na fase juvenil.

Muitos pais posicionam-se contrários ao diálogo, alguns não compreendem a importância do mesmo, ou até mesmo, sentem vergonha em falar sobre o assunto devido a criação que receberam em seu tempo de adolescentes, enfim, variados são os fatores que podem impedir esse tipo de diálogo. De acordo com Leininger (1991) esses são fatores culturais que podem ser influenciados pela visão de mundo de cada indivíduo, bem como a linguagem, a religião e os contextos de ordem social, político, educacional, econômico, tecnológico, etno-histórico e ambiental de cada cultura ao qual fazem parte.

Os tabus sobre sexualidade são refletidos de maneira mais intensa no ambiente familiar do adolescente do sexo feminino, isto se deve ao fato de que os pais tendem a ser mais rígidos com as meninas. Desse modo, percebe-se que as desigualdades de gênero são muitas vezes reproduzidas e repassadas culturalmente no processo de socialização de adolescentes, reforçando a

heteronormatividade e, portanto os papéis de gênero hierarquizados, onde as mulheres são ainda inferiorizadas e a heterossexualidade compulsória é única expressão da sexualidade considerada normal e natural é a orientação heterossexual.

Acredita-se que a igualdade é o princípio ordenador de qualquer sociedade que se diga justa e democrática e, no Brasil ela é um direito constitucional. No entanto, vivemos numa sociedade onde regimes de desigualdade ainda persistem. Nesse contexto está a heteronormatividade, que se trata de uma forma que inviabiliza ou nega a pluralidade que norteia a sexualidade dos indivíduos.

Partindo dos pressupostos acima citados, a atual normatização dos corpos e sexualidades na no Brasil contempla apenas duas possibilidades de categorizações de gênero. Estas são baseadas no sexo biológico: a vagina, determina a mulher e o pênis que determina o homem. Desse modo, não há nenhuma outra possibilidade que leve em conta outros modos de existir no mundo, como é o caso das pessoas intersex. Assim, a lógica baseada no sexo (genitália), gênero e sexualidade está ligada a cultura que segue como modelo de "normalidade" a regra heteronormativa. Com isso, dá-se a abertura para a pretensão de regular as manifestações de masculinidades e de feminilidades, bem como das práticas sexuais possíveis (PETRYE; MEYER, 2012).

De acordo com Salih (2012 p.67), o sexo, o gênero e a sexualidade implicar-se-iam de maneira mútua e, sendo assim, exemplifica a autora, "se alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços 'femininos' e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens". Do contrário é considerada como algo anormal e falho dentro da sociedade. Assim, é preciso entender de uma vez por todas que o gênero é:

"não natural"; assim, não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero. (...) Em outras palavras, é possível ser uma fêmea "masculina" ou um macho "feminino". (...) "por definição, o sexo se revelará ter sido gênero o tempo todo" (Butler, 2003, p.8 in Salih, 2012, p.67).

Isso é extremamente problemático porque se reforça, muitas vezes, dentro da própria família, o preconceito LGBTfóbico, presente também em outras instituições que fazem parte da socialização de adolescentes, perpetuando assim a violência que é direcionada às sexualidades não normativas.

Para, além disso, quanto mais se restringe o diálogo entre família e adolescentes, maiores são os riscos dos jovens receberem, fora de casa, respostas equivocadas e/ou preconceituosas em relação às suas indagações e, estas nem sempre são explicadas da maneira como deveria. Zagonel (1999) bem alega que mediante ao silêncio no ambiente familiar, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes, que por sua vez também são inexperientes e imaturos, tal atitude contribui muitas vezes para a prática do sexo de forma insegura.

Desse modo fica evidente que o diálogo entre família, sobre gênero e sexualidade, é de vital importância para que desde cedo o adolescente aprenda a respeitar as diferenças e compreenda a necessidade do respeito para com o outro independente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Da mesma forma, a violência e preconceito contra a diversidade sexual ou de gênero dentro das famílias podem também ser minimizadas e quem sabe até extintas.

A conversa familiar sobre a diversidade de gênero é fundamental no que diz respeito ao preconceito sexual que muitas vezes é estimulado por meio de "piadinhas", ou "brincadeiras", que são a verdadeira maneira de expressar o *bullying*². Esses jovens precisam estar conscientes de seu direito de escolha e de que devem ser respeitados.

No que tange as abordagens a respeito de sexualidade na adolescência, é importante salientar que jovens com conhecimento elevado a respeito desse tema tendem a reportar uma vivência mais gratificante da sexualidade, demonstrando uma maior capacidade de solicitar a ajuda de um adulto (quando necessário), além de apresentar mais comportamentos preventivos, principalmente no que diz respeito ao uso consistente de preservativos (Vilar & Ferreira, 2009).

O fato é apesar de os adolescentes terem facilidade em aceitar informações a respeito da sexualidade por meio de fontes diversas (como os amigos, os *mídia* e Internet), nem sempre estes conhecimentos serão os mais corretos, atuais e até mesmo completos (Ramiro, Reis, Matos, Diniz, & Simões, 2011). Dessa maneira valoriza-se a importância do diálogo familiar, de uma maior abertura entre pais e filhos para troca de saberes, em conversas francas e sem tabus.

² **Bullying** é uma palavra que se originou na língua inglesa. "Bully" significa "valentão", e o sufixo "ing" representa uma ação contínua. A palavra bullying designa um quadro de **agressões contínuas**, repetitivas, com características de **perseguição** do agressor contra a vítima, não podendo caracterizar uma agressão isolada, resultante de uma briga.

Sabe-se que para os(as) adolescentes e os(as) jovens é importante que tenham o direito a ter informações sobre educação em saúde sexual e saúde reprodutiva, além de ter acesso a meios e métodos que os ajudem a evitar uma gravidez precoce e não planejada, além de saber como se prevenir contra as doenças sexualmente transmissíveis/HIV-AIDS, respeitando-se ainda a sua liberdade de escolha (Tonelli, 2004).

Assim, os próximos capítulos discorrem não somente sobre o gênero, mas sobre a sexualidade na adolescência e como o diálogo é fundamental na relação familiar.

3. SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO FAMILIAR: EMANCIPAÇÃO E REPRESSÃO

Muitas pessoas acreditam que ao falar de sexualidade é o mesmo que estar falando em sexo, mas é importante lembrar que o sexo se refere a definição dos órgãos genitais, masculinos ou femininos. Assim como também pode ser entendido

como uma relação sexual, por outro lado, o conceito de sexualidade está voltado para tudo àquilo que o indivíduo é capaz de sentir e expressar.

Dessa forma, quando se aborda o tema sexualidade, é muito comum relacioná-la aos comportamentos que podem ser observados, como é o caso da atividade sexual consciente, bem como as suas manifestações, quer sejam elas funcionais, relacionais e afetivas. Mediante a visão de Freud, a sexualidade passou a ser compreendida muito além desta perspectiva (Desprats-Péquignot, 1992/1994).

É preciso lembrar que, a importância da questão da sexualidade na adolescência e sabendo-se que o adolescente pode se deparar com muitas dúvidas, principalmente em relação a esse assunto, enfatiza-se a importância de que ele encontre na família o lugar em que possa dialogar, ouvir e expor suas dúvidas, suas opiniões e até mesmo as críticas e ideias presentes em sua mente, em momentos de compreensão, afeto e respeito (Takiuti, 1997).

Já não é novidade as pessoas saberem o quanto o ambiente familiar pode ser influenciador, principalmente para crianças e adolescentes, os filhos tem confiança nos seus pais, eles são os seus primeiros heróis. Os pais por sua vez necessitam manter um relacionamento de diálogo que seja perpétuo na vida da criança, para que ao chegar no momento da transição para a adolescência, seus questionamentos e dúvidas sejam expostos sem medo, com a certeza de que serão ouvidas e apoiadas pelos seus pais.

A família possui um papel socializador de grande relevância na vida das pessoas. É imprescindível que ela seja entendida como um espaço de construção do ser, o âmbito onde a iniciação dos afetos e de todo aprendizado acontece. Assim sendo, esses afetos podem trazer aos seus integrantes inúmeras possibilidades, para as famílias e também para a sociedade. (OLIVEIRA, 2009, p. 83).

A família precisa ser definida como instituição, se tornando assim uma referência de um grupo social que é concreto, que realmente existe como tal e, que representa seus membros. (DURHAM, 2004). A base dos princípios e dos conhecimentos são perpassados de pais para filhos e é imprescindível que a família compreenda o seu valor, a sua importância. Os pais devem perceber que a sua existência não é apenas para dizer sim ou não, sua participação na vida do adolescente vai muito além. Quando compreenderem o seu papel transformador para seus filhos estarão ajudando-os a se tornarem melhores cidadãos, críticos e

reflexivos, que saibam a necessidade do respeito mútuo, porque foi o que aprendeu no seio familiar.

A família enquanto grupo: “[...] são constituídas por pessoas que mantêm entre si relações de aliança, descendência e consanguinidade, mas não são necessariamente unidades básicas de parentesco.” (DURHAM, 2004, p. 338). A família, em qualquer que seja a sua formação primária, desempenha uma função primordial na sociedade, pois ela é o primeiro lugar onde o ser passa a viver e onde ele conhece os primeiros valores para a vida.

Sendo assim, os cuidados no relacionamento familiar são imprescindíveis, pois se tratando de uma instituição tão relevante para o desenvolvimento pessoal e emocional do ser, ela pode ser decisiva nas escolhas e pode salvar vidas assim como pode destruí-las. Dessa maneira Szymanski (2002) afirma que a família:

[...] têm aparecido como referencial explicativo para o desenvolvimento emocional posteriormente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios. (SZYMANSKI, 2002, p. 23)

Os pais precisam ter muito cuidado com a formação dos seus filhos, precisam ser amigos e merecer sua confiança, para que estes sintam-se a vontade em se abrir, sabendo que não serão recriminados e por consequência procurarem outros espaços (que não a família) para buscar abrigo. E muitas vezes na busca por aceitação, por momentos de diálogos, adolescentes, em especial as meninas acabam conhecendo-se sexualmente da maneira mais precipitada.

E sem ter o conhecimento que necessitaria vindo da sua própria família, não tem nenhuma noção de cuidados e prevenções. Assim, a defasagem no diálogo entre os pais e seus filhos adolescentes ocasionam momentos de incertezas e de decisões precipitadas. Numa fase que deveria ser de descobertas e conhecimentos para a vida, se torna algo totalmente complexo e cheio de desafios que não deveria fazer parte da sua idade: a gravidez na adolescência, por exemplo.

É necessário esclarecer que estar grávida na adolescência traz consigo grandes expectativas e também responsabilidades que limitam as possibilidades de exploração que o adolescente possui do mesmo modo em que permite um novo espaço de formação da identidade (Rangel & Queiroz, 2008). Assim, mais questionamentos, mais dúvidas sobre si mesmo e o mundo que o rodeia.

De acordo com Bocardi (2003), ser gestante na adolescência difere dos momentos de vivência da juventude dando lugar a uma nova fase, na qual é preciso desempenhar uma idade mais madura. “É preciso entre outras referências, considerar que a discussão envolve aspectos socioculturais que influenciam o seu encaminhamento” (BOCARDI, 2003, p.11). Nessa etapa da vida, a adolescente grávida se depara com mais transformações em seu corpo:

As repercussões gerais provocam nos corpos de jovens grávidas algumas alterações bem evidentes e que por isso têm importantes consequências psicológicas. Estas modificações acontecem igualmente nas grávidas mais velhas, mas é na adolescência que revestem maior significado. Isto por duas razões. Primeiro, porque se vão reunir no mesmo momento dois tipos de alterações: as próprias da adolescência e as próprias da gravidez, o que vai perturbar ainda mais o sentido da imagem pessoal e produzir alarme e confusão; segundo, porque num período em que a aparência física tem mais valor que em qualquer outro, tudo o que a prejudique tem fortes repercussões emocionais. (ALMEIDA, 2003, p. 241).

Então, pelo que se pode compreender, maiores dificuldades essa adolescente enfrentará e muitas vezes passa por isso sem poder contar com seus familiares, ou mesmo com o pai da criança, que geralmente se trata de um outro adolescente.

No país muitas são as jovens que passam por essa situação. De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS):

Dados do SINASC mostram que esse é um fenômeno que pouco vem se alterando ao longo dos anos em 1988, houve registro de 27 237 nascimentos de mães de 10 a 14 anos de idade; 26 276, em 2004; e 28 479, em 2008. (...) Para o grupo de 15 a 17 anos, a PNAD mostra um total de 283 000 mulheres (6% do total nessa faixa etária) que tiveram filhos nascidos vivos em 2009, 40% delas residentes na Região Nordeste. (SIS, 2010, p. 156).

O que dizer de tal situação? O que se pode fazer sobre esta realidade que é visível na sociedade vigente? Acredita-se que é preciso começar pelo diálogo entre pais e filhos. Pelo que se pode claramente entender, o seio familiar é o espaço as discussões, as conversas e conseqüentemente para as tomadas de decisões sejam elas positivas ou negativas.

A gravidez na adolescência é um dos problemas que atravessam as jovens e que poderiam ser minimizados a partir do estabelecimento de diálogo sobre sexualidade e gênero na família, outros dizem respeito à exposição ao risco de ISTs/hiv/aids e ainda a LGBTfobia.

Analisaremos agora as entrevistas realizadas com adolescentes e seus familiares para compreendermos se esse diálogo sobre sexualidade e gênero tem se estabelecido na família e de que forma.

3.1 FAMÍLIA E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: CRAS de São Félix – BA

A presente pesquisa trouxe importantes considerações sobre a importância do diálogo entre pais e filhos adolescentes a respeito do tema sexo, sexualidade e gênero.

Conforme apontamos na introdução, no trabalho de campo foi realizada inicialmente uma visita ao CRAS de São Félix, que possibilitou outra visita para realização das entrevistas que nos possibilitariam conhecer o que alguns pais e adolescentes pensam a respeito desse tema e como é o diálogo estabelecido em casa no que diz respeito à sexualidade na adolescência.

Dessa maneira, as entrevistas foram realizadas de forma a respeitar o anonimato dos entrevistados, não expondo seus nomes, que serão substituídos por nomes fictícios.

Pais/Responsáveis	Filhos(as) adolescentes
Maria com 35 anos; Tereza com 40 anos; Joana com 40 anos e Lúcia com 41 anos.	Ana, 15 anos; Fábio, 15 anos; Luiza, 15 anos; Mariana, 16 anos e João, 16 anos.

3.2 ENTREVISTA COM OS ADOLESCENTES

As primeiras entrevistas foram realizadas com cinco adolescentes que chamaremos respectivamente de Ana, Fábio, Luiza, Mariana e João.

Ana, Fábio e Luiza têm quinze anos, são estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, são heterossexuais e autodeclararam sua cor como preta. Mariana tem dezesseis anos, também cursa o primeiro ano do Ensino Médio, é heterossexual e se declara parda. João também tem dezesseis anos, cursa o segundo ano do Ensino Médio, é heterossexual e refere sua cor como preta.

A primeira pergunta feita na entrevista foi se eles já ouviram falar em sexualidade e se sabiam dizer o que ela significa. Como respostas tivemos:

Ana: *“Eu vi as meninas falarem assim, mas... Não sei o que significa.”*

Fábio: *“Já. É tipo ter relações com uma pessoa? Uma pessoa fica assim... é praticar o ato sexual.”*

Luiza: *“Sim. É tipo você se relacionar com uma pessoa, ter relação com uma pessoa.”*

Mariana: *“Já. Não sei o que significa, mas já ouvi falar em sexualidade.”*

João: *“Sim. Ouvi falar em sexualidade, mas não sei o que significa.”*

Os adolescentes vivem numa sociedade cheia de informações, estas são acessíveis a eles, por meio de suas convivências, com familiares, amigos e até mesmo nas redes sociais. É fato que todos eles em algum momento já ouviram falar em sexualidade, alguns deles, entretanto, a maioria entrevistada não sabe expressar ao certo que vem a ser esse conceito, demonstrando inconsistência no nível de informação que têm acesso e na necessidade de se estabelecer esse debate na adolescência, seja na família ou mesmo na escola, ou outros espaços que promovam atividades com os jovens.

A segunda pergunta foi a respeito de como é o ambiente familiar deles quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade.

Ana: *“Conversa, mas fico toda fechada.”*

Fábio: *“É normal, a minha mãe conversa.”*

Luiza: *“São fechado, mas tem vezes que meu pai pega no meu pé.”*

Mariana: *“É bom, da parte da minha mãe, ela conversa sempre comigo, como se prevenir.”*

João: *“Fraco, por questão e mim.”*

Percebemos que Infelizmente, muitas famílias não mantêm um bom diálogo a respeito desse tema com seus filhos, principalmente se forem adolescentes, seja como mostram as narrativas, por dificuldade dos pais ou dos e das adolescentes. Isso acontece talvez, por parte dos pais por acreditarem que os filhos e filhas ainda não têm idade para esse tipo de conversa, ou até mesmo por vergonha, devido ser para muitos deles um assunto constrangedor para se discutir com seus filhos ou com seus pais.

Leininger (1991) afirma que os fatores culturais podem ser influenciados pela visão de mundo de cada indivíduo, bem como a linguagem, a religião e os contextos de ordem social, político, educacional, econômico, tecnológico, etno-histórico e ambiental de cada cultura ao qual fazem parte, o que pode dificultar ou facilitar o

diálogo, a depender se essa visão de mundo está identificada com as normatividades sociais ou não.

A terceira pergunta questionou se já tiveram alguma dúvida sobre sexo, gênero ou sexualidade e caso a resposta fosse positiva dizer quais.

Ana: *“Sim. Eu fico assim pensando como é... Assim, fico pensando assim... Porque eu não sou disso não.”*

Fábio: *“Sim. Eu não sabia que tinha que usar camisinha.”*

Luiza: *“Não.”*

Mariana: *“Sim. Como dois casais se relacionam quando é do mesmo jeito, do mesmo sexo.”*

João: *“Não.”*

A maioria dos adolescentes entrevistados, apresentou dúvidas sobre sexualidade, entretanto, adolescentes em geral sentem-se envergonhados de expressar aquilo que pensam sobre o assunto ou mesmo de demonstra dúvidas, muitas vezes por medo da reação que seus pais terão caso eles se abram a respeito desse tema.

A quarta pergunta foi a respeito de quando precisam tirar essas dúvidas a quem eles recorrem:

Ana: *“As colegas.”*

Fábio: *“A minha mãe.”*

Luiza: *“Minhas amigas.”*

Mariana: *“Pergunto a minha mãe, quando ela não sabe vou na internet.”*

João: *“Meus amigos.”*

De acordo com as respostas, a maiorias dos e das adolescentes buscam informações com amigos ou internet, sendo a família menos procurada.

Os adolescentes em sua maioria, mantém um vínculo muito forte com seus amigos e colegas de escola, seja pela questão geracional ou por compartilharem das mesmas experiências. Por esses motivos muitos deles sentem-se mais a vontade em conversar com os amigos, dividindo suas dúvidas e questionamentos. Alguns poucos, recorrem aos pais, principalmente a mãe e ainda existem muitos que optam pela pesquisa na internet.

É necessário dizer, que nessa fase onde as dúvidas sobre sexualidade afloram o (a) adolescente precisa de alguém em quem confie para dialogar e as

peças que seriam mais propícias para isso, seja pela proximidade ou mesmo pelo papel socializador do qual estão imbuídos são seus pais ou responsáveis.

Pratta e Santos (2007, p 250) dizem que:

Sendo assim, é a partir do processo socializador que o indivíduo elabora sua identidade e sua subjetividade (Romanelli, 1997), adquirindo, no interior da família, os valores, as normas, as crenças, as idéias, os modelos e os padrões de comportamento necessários para a sua atuação na sociedade.

Ao recorrer aos amigos ou à internet, correm o risco de aprenderem de maneira equivocada a respeito do seu próprio corpo e das transformações pelas quais ele está passando.

Assim, a adolescência também pode e deve ser vivenciada pelos familiares como uma fase de maior aproximação entre pais e filhos, onde a troca de experiências seja uma realidade sem crises e turbulências (LIPP, 2014).

A quinta pergunta foi se eles têm alguma pessoa amiga Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (LGBTI) e caso a resposta seja positiva, dizer como é o relacionamento com essa pessoa:

Ana: *“Não.”*

Fábio: *“Sim. Normal, como uma pessoa normal.”*

Luiza: *“Sim. Considero normal, como eu.”*

Mariana: *“Sim. É legal não muda nada das outras pessoas.”*

João: *“Sim. É normal.”*

De fato é muito comum adolescentes com amigos com a orientação sexual diferente da deles. As pessoas LGBTI sempre existiram e não é algo novo que só nos últimos dias começou a existir. O que acontece é que, elas sentiam-se envergonhadas e até mesmo coagidas a viverem no anonimato, por causa do preconceito homofóbico da sociedade. Assim, com o passar do tempo começaram a compreender que sua orientação sexual deve ser respeitada, porque cada ser é único e individual e deve expressar seus sentimentos e opções. Importante notar que os e as adolescentes participantes da pesquisa, apesar da pouca informação sobre sexualidade, em sua maioria mostraram não ter preconceitos com amigos LGBTs.

Assim maioria dos(as) adolescentes entrevistados referem que convivem com LGBTs e os veem como “normais”, por considerar que todas as pessoas são iguais estabelecendo relação de respeito.

Sobre não terem ainda se relacionado sexualmente, apenas um menino declara não ser mais virgem a maioria se declara virgem.

No debate sobre sexualidade O tema da virgindade é algo que ainda levanta uma série de discussões, alguns concordam que não existe uma idade para se relacionar sexualmente, outros acreditam que a adolescência não é o momento certo para as relações sexuais. O fato é que a decisão sobre o início da vida sexual é bem pessoal e geralmente influenciada por fatores culturais e morais.

Almeida (2003, p.150) afirma que “[...] a sexualidade no homem é não apenas um fenômeno biológico, mas também um fenômeno afetivo, emocional, intelectual e social.”

Perguntados se já ouviram falar em Infecção Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e o que significam obtivemos as seguintes respostas:

Ana: *“Sim, de Aids. Quando você beija uma pessoa e a outra tem, aí repassa.”*

Fábio: *“Sim. Significa que se você não se cuidar pode pegar doença e morrer.”*

Luiza: *“Sim. As pessoas fazem sexo e transmitem aquela doença, não usa preventivo.”*

Mariana: *“Sim. Significa quando a pessoa não se previne e a outra tem HIV, daí não se previne e pega.”*

João: *“Sim. Significa você ter relação sem se prevenir, corre o risco de pegar essas doenças ou infecção.”*

As ISTs são transmitidas, principalmente, pelo contato sexual desprotegido, ou seja, sem o uso de camisinha com alguém que esteja infectado. De acordo com as respostas dos e das adolescentes, eles possuem tal informação, no entanto de forma enviesada, à exemplo da crença de contaminação de hiv/aids pelo beijo.

É extremamente importante que o (a) adolescente esteja bem informado a respeito das ISTs, sabendo como são transmitidas, os sintomas e como se prevenir de contraí-las.

Sabemos que tais informações, por serem mais complexas, nem sempre são dominadas pelos pais ou responsáveis, em especial nas camadas mais pobres que possuem baixa escolaridade e pouco acesso a espaços de debate, sendo necessária também uma ação pedagógica por parte do Estado através de seus programas e aparelhos de saúde pública, bem como as escolas a fim de levar informação para a população.

Sobre gravidez, os e as adolescentes afirmaram conhecer outra adolescente de sua idade que esteja.

A gravidez na adolescência é algo muito comum nos dias atuais, porém, precisa ser enfrentada. A adolescente precisa ter o conhecimento de que o seu corpo está em transformação da infância para a fase adulta e que portanto, não está preparado para receber um bebê. Segundo Almeida (2003):

As repercussões gerais provocam nos corpos de jovens grávidas algumas alterações bem evidentes e que por isso têm importantes consequências psicológicas. Estas modificações acontecem igualmente nas grávidas mais velhas, mas é na adolescência que revestem maior significado. Isto por duas razões. Primeiro, porque se vão reunir no mesmo momento dois tipos de alterações: as próprias da adolescência e as próprias da gravidez, o que vai perturbar ainda mais o sentido da imagem pessoal e produzir alarme e confusão; segundo, porque num período em que a aparência física tem mais valor que em qualquer outro, tudo o que a prejudique tem fortes repercussões emocionais. (ALMEIDA, 2003, p. 241).

Assim, além dos riscos para sua própria saúde e da criança que está sendo gerada, a gravidez precoce traz consequências psicológicas para a vida dessas jovens e aborta projetos de vida, produzindo uma migração do adolescente para a vida adulta de forma abrupta, na medida em que será obrigada (o) a assumir responsabilidades decorrentes da maternidade e paternidade.

Ao opinarem sobre os motivos que acreditam terem levado a gravidez precoce responderam assim:

Ana: *“Porque ela não teve... Não se preveniu primeiro.”*

Fábio: *“Porque não pergunta para os pais, daí quer fazer do seu jeito e quando vê...”*

Luiza: *“Sei lá, eu acho que se ela fez e não queria engravidar não era pra fazer, ou aconteceu.”*

Mariana: *“Porque não se preveniu, ou foi escolha dela.”*

João: *“Mais por falta de se prevenir, de tomar cuidado.”*

O porquê de muitas adolescentes engravidarem, é uma constante discussão na sociedade, todos tem algo a dizer a respeito, entretanto o mais importante ainda é a prevenção da concepção. É necessário que o diálogo familiar se torne uma realidade presente na vida desses jovens, não só para as meninas, mas para os meninos também, que estão e devem ser implicados de forma responsável no processo de paternidade.

A décima pergunta foi sobre o que os pais deles acham da diversidade sexual ou das pessoas LGBT:

Ana: *“Nada, não são preconceituosos.”*

Fábio: *“Minha mãe não tem nenhum preconceito e meu pai não tem nada contra.”*

Luiza: *“Não tem como saber, porque eles não falam.”*

Mariana: *“Minha mãe nada contra, mas meu pai é um pouco preconceituoso.”*

João: *“Normal.”*

A orientação sexual precisa ser respeitada e a luta pelo direito à diversidade sexual tem sido constante, muito já se conseguiu, contudo ainda há muita coisa a ser feita. Inúmeros LGBTs têm sido repreendidos, agredidos verbal e fisicamente e até assassinados, devido à homo, lesbo transfobia.

As respostas sobre tal questão demonstram que no olhar dos filhos os pais e mães, em sua maioria não são preconceituosos, mas sendo o preconceito algo ainda tão velado, não é possível afirmar que de fato não há preconceito nas famílias dos entrevistados, mas sim que a percepção dos mesmo não capta essas discriminações.

A décima primeira pergunta foi se caso eles fossem LGBT se conversariam sobre isso com os pais e Por quê:

Ana: *“Não falaria ... Acho que eles reagiriam mal, não iriam gostar.”*

Fábio: *“Falaria, porque antes você falando do que os outros falarem.”*

Luiza: *“Depende, acho que conversaria.”*

Mariana: *“Sim porque tem que conversar primeiro para eles nos apoiarem e vencermos essa luta.”*

João: *“Sim, pelo fato de ter que aceitar do jeito que a pessoa é e respeitar.”*

Apesar da maioria assentir que falaria com a família sobre sua orientação sexual dissidente, algumas respostas são condicionadas por medo da descoberta da família por outra pessoa, ou mesmo incerteza da reação e apoio da família.

Alguns jovens sentem medo de expressar sua orientação sexual aos seus familiares caso sejam LGBTs. A escolha por esconder seus sentimentos, muitas vezes se deve ao medo da reação de seus pais ou responsáveis ou até mesmo pela falta de diálogo da família. Por isso é tão importante que a família abra o diálogo e respeite essa construção identitária afirmada na diversidade.

A décima segunda pergunta foi se os pais ou familiares conversam com eles a respeito de como se prevenir de riscos como uma gravidez ou ISTs, caso a resposta seja positiva dizer o que eles falam sobre esses assuntos:

Ana: *“Conversam assim, minha filha, se previna primeiro, não vá logo, você está nova se você engravidar vai ficar acabada, feia.”*

Fábio: *“Falam, que se eu não me cuidar eu posso até no beijar pegar doença, não sair beijando todo mundo.”*

Luiza: *“Sim, usar preservativo e tomar cuidado com quem vai se relacionar.”*

Mariana: *“Conversam, dizem que a gente tem que tomar cuidado, usar preservativo, tomar remédio e ir sempre no médico.”*

João: *“Conversam, falam para eu tomar cuidado usar preventivo, não deixar de usar.”*

À partir das respostas é possível inferir que todos os pais ou responsáveis conversam sobre gravidez indesejada e ISTs, mesmo que as informações sejam equivocadas, o que é um problema tanto quanto a falta de diálogo sobre tais questões.

Entretanto, O diálogo pode ser o segredo para a minimização ou quem sabe a erradicação das ISTs. Quando o(a) filho(a) confia nos pais, eles se abrem com os mesmos e quando os pais demonstram-se receptivos ao diálogo têm a oportunidade de prevenir seus filhos dos riscos de doenças e gravidez precoce.

A décima terceira pergunta foi se caso pudessem mudar algo no relacionamento familiar, o que mudariam e por quê:

Ana: *“Conversando com eles que eles fossem mais abertos.”*

Fábio: *“Não mudaria nada, é tranquilo.”*

Luiza: *“Teria mais diálogo.”*

Mariana: *“Mudaria as brigas e traria mais amor e união.”*

João: *“Mudaria o diálogo, porque não é muito frequente e não é muito saudável.”*

É perceptível pelas respostas que não há de fato muita abertura e diálogo entre pais e responsáveis e os filhos e filhas. Suas falas também sinalizam a existência de conflitos na relação familiar.

Pratta e Santos (2007, p. 251) afirma que

Isso quer dizer que os eventos que marcam o ciclo evolutivo familiar, tanto previsíveis quanto imprevisíveis, provocam uma crise no funcionamento da família, a qual necessita ser solucionada para que haja a manutenção da saúde familiar (Scabini, 1992). Esta crise afeta, direta ou indiretamente, todos os membros da família, como a que acontece, por exemplo, no período da adolescência, considerado como uma fase do ciclo vital familiar que provoca intensas transformações relacionais, especialmente entre pais e filhos (Sudbrack, 2001). Isso porque, segundo Cerveny e Berthoud (2001), pais e filhos encontram-se em momentos diferentes de transformação, ou

seja, os adolescentes costumam questionar valores e regras familiares, preocupando-se intensamente com o futuro, enquanto seus pais se encontram em uma etapa de questionamento profissional, de reflexão e de transformação, também repensando o futuro.

O diálogo familiar, pode favorecer não só a união entre seus integrantes mas também a troca e maior contribuição na formação das subjetividades dos adolescentes nessa fase tão conflituosa de suas vidas. Muitos (as) adolescentes questionam a falta de diálogo com os pais porque realmente necessitam do mesmo, sentem falta de uma relação mais aberta.

3.3 ENTREVISTA COM PAIS DE ADOLESCENTES

Essa parte da pesquisa de campo foi realizada com quatro mães de adolescentes, as quais receberão nomes fictícios como Maria que tem 35 anos e é heterossexual; Tereza que tem 40 anos e também é heterossexual; Joana com 40 anos, heterossexual e Lúcia com 41 anos e que também é heterossexual.

A primeira pergunta foi a respeito da situação conjugal dessas mães:

Maria: “*Mãe solo.*”

Tereza: “*Mãe solo.*”

Joana: “*Viúva.*”

Lúcia: “*Casada.*”

Sobre essa questão percebemos que apenas uma tem companheiro, tendo portanto um modelo de família mais tradicional, as outras apresentam outra composição familiar, monoparental.

A segunda pergunta foi se os seus filhos adolescentes já fizeram questionamentos sobre sexo ou sexualidade e como regiram:

Maria: “*Não.*”

Tereza: “*Não.*”

Joana: “*Já sim, eu reagi surpresa porque ela tem 10 anos, e meu sobrinho de 15 anos já está namorando daí ela queria saber com quantos anos eu comecei a namorar.*”

Lúcia: “*Não.*”

As mães entrevistadas, demonstram em sua maioria que os filhos e filhas não lhes acessam para conversar sobre sexualidade e aquela que foi acessada

surpreendeu-se com a precocidade do interesse da filha, interesse bem comum entre aqueles cada vez mais jovens, por diversos fatores muitas vezes externos à própria família.

A surpresa provavelmente é a primeira reação dos pais frente aos questionamentos dos(as) filhos(as) adolescentes em relação a sexo ou sexualidade. Eles não imaginam que nessa idade eles(as) terão dúvidas ou perguntas sobre esse assunto, na sua visão são muito novos para tal coisa. Szymanski (2002) afirma que a família:

[...] têm aparecido como referencial explicativo para o desenvolvimento emocional posteriormente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e toda sorte de desvios de comportamento. (SZYMANSKI, 2002, p. 23)

Esta certamente não é uma regra, quando constatamos os altos índices de violência doméstica praticadas contra crianças e adolescentes, mas ainda Assim, é válido salientar que a existência de adultos autônomos, bem relacionados, felizes e abertos ao diálogo, se deve principalmente à base que tiveram desde a infância no seio familiar, assim como os adultos inseguros, com comportamentos desequilibrados também o são.

A terceira pergunta foi se elas acham que é comum os adolescentes terem dúvidas sobre sexo, sexualidade e gênero e por que:

Maria: *“É comum terem dúvida, porque para eles q são novos nem todos os pais orientam.”*

Tereza: *“É comum sim. Porque sim.”*

Joana: *“Hoje está sendo mais comum, os meninos não sabem para que lado seguir.”*

Lúcia: *“Eu acho que sim, porque eles tem que aprender.”*

Todas as mães reconhecem que é normal os filhos e filhas apresentarem dúvidas sobre sexualidade e gênero, em especial por serem jovens e não terem conhecimento sobre tais questões.

Para Pratta e Santos, a adolescência é uma fase de construção da identidade sexual, este pode ser um dos motivos para os questionamentos sobre sexualidade aflorarem:

Ela corresponde a um período de descobertas dos próprios limites, de questionamentos dos valores e das normas familiares e de intensa adesão aos valores e normas do grupo de amigos. “Nessa medida, é um tempo de

rupturas e aprendizados, uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da autoafirmação e da independência individual e pela definição da identidade sexual (Silva & Mattos, 2004).” (2007, p. 252)

Necessário é dizer da relevância de os pais reconhecerem a adolescência como um processo de transição e da importância de tratar como comum as dúvidas sobre sexo, sexualidade e gênero, estabelecendo relação de confiança nas relações familiares.

A quarta pergunta foi se na opinião delas caso o(a) filho(a) tenha dúvidas sobre sexo e sexualidade a quem deveriam recorrer:

Maria: *“Aos pais.”*

Tereza: *“A mãe, mas tem muitos não se abrem.”*

Joana: *“Eu acho correto pai e mãe ou responsável.”*

Lúcia: *“Eu acho melhor ir ao psicólogo.”*

A maioria das mães acredita que as dúvidas dos adolescentes sobre sexualidade devem ser sanadas com a família e apenas uma acredita que a pessoa mais indicada para esse diálogo com os jovens seria um profissional de psicologia.

Acredita-se que boa parte daqueles que hoje são pais de adolescentes, talvez não tivesse um relacionamento de diálogo com seus pais quando tinham a idade de seus (as) filhos (as). O resultado na maioria das vezes é reproduzir sua experiência com eles (as), não abrindo espaços para diálogos francos a respeito da sexualidade, entretanto as mães entrevistadas parecem dispostas a estabelecer tal diálogo.

A quinta pergunta foi se caso pegassem seu (sua) filho(a) se masturbando o que você faria e por que teria tal reação:

Maria: *“Eu orientaria, o meio melhor de se expressar, não fazer isso aí.”*

Tereza: *“Para mim iria ser normal.”*

Joana: *“Ficaria surpresa, e sentaria pra conversar, porque fui criada com diálogo.”*

Lúcia: *“la sentar com ele e conversar pra ver.”*

Reações como as acima citadas são muito comuns entre os pais, principalmente a surpresa em ver seu (sua) filho (a) adolescente se masturbando. Talvez ele (a) nem saiba o nome da ação que realiza, está se descobrindo, notando as diferenças em seu corpo, observando as sensações que cada parte lhe traz. Esse não é o momento de recriminar, brigar ou colocar de castigo. É momento de diálogo,

de mostrar que o que ele faz é normal, mas deve ser explicado pelos pais de maneira clara e respeitosa.

Mais uma vez as mães entrevistadas se mostram abertas ao diálogo sobre a questão.

A sexta pergunta foi sobre como é o relacionamento entre elas e o(a) filho(a) no diálogo sobre sexualidade:

Maria: *“Normal tranquilo.”*

Tereza: *“Não muito bom porque ele não se abre, eu procuro saber mas ele não se abre.”*

Joana: *“A gente não conversa muito, mas é tranquilo, respondo claramente sem desviar, vou no ponto certo.”*

Lúcia: *“Somos abertos.”*

Apesar das dificuldades que alguns pais geralmente enfrentam no diálogo com os(as) filhos(as), “entendemos que é no convívio familiar e entre as pessoas que se estimam que as questões sexuais devam ser discutidas e analisadas, levando-se em conta os valores socioculturais e as crenças religiosas de cada família” (DIAS; GOMES, 1999, p.165). É verdadeiramente importante o diálogo familiar, é fato que ações tão simples como sentar e conversar abertamente, sem tabus, ajuda a unir mais a família, assim, com muito respeito e empatia pais e filhos devem se abrir uns com os outros principalmente no que tange as questões sexuais.

A sétima pergunta foi se acham que a adolescência é idade para descobertas sexuais:

Maria: *“Não, porque ainda é muito novo.”*

Tereza: *“Não, tem que demorar mais um pouco.”*

Joana: *“Eu acho que sim, mas não praticar o sexo.”*

Lúcia: *“Acho que não, porque eles não têm idade pra isso.”*

A adolescência é a fase da puberdade, entretanto, as mães entrevistadas acreditam, em sua maioria, que ainda não é uma fase para se iniciar sexualmente. De acordo com Freud(1996):

Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica, agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo as pulsões e zonas erógenas distintas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo (Freud, 1996, p. 196).

Dessa maneira, responde-se o questionamento que muitos pais não compreendem ou não têm respostas. A adolescência é sim a idade das descobertas sexuais. O corpo em mudança exige a atenção do(a) adolescente, então, ele tem perguntas e dúvidas, se toca para ver quais são as sensações que pode conseguir.

A oitava pergunta foi sobre o que elas pensam a respeito da família homoparental (casais homossexuais que adotam crianças):

Maria: *“Para mim é normal.”*

Tereza: *“Eu acho normal, porque cada um escolhe viver como quer.”*

Joana: *“Eu penso que é errado porque Deus não fez assim, Ele fez homem e mulher, mas a gente tem q aceitar pra não estar discriminando.”*

Lúcia: *“Eu acho assim, que cada qual tem seu haver, mas acho que não vai trazer boas coisas não.”*

As opiniões das mães sobre famílias homoparentais são divididas, o que mostram que ainda não há um consenso moral ou mesmo aceitação da diversidade sexual em nossa sociedade, visão que certamente irá interferir na educação dos pais com os filhos e filhas.

Embora diferentes opiniões devam ser respeitadas, as diferentes identidades sexuais e de gênero também devem ser respeitadas em suas existências e em seus direitos, assim como as famílias homoparentais.

De agora em diante esta não será mais vista apenas como uma estrutura do parentesco que restaura a autoridade derrotada do pai, ou sintetizando a passagem da natureza à cultura através dos interditos e das funções simbólicas, mas como um lugar de poder descentralizado e de múltiplas aparências (ROUDINESCO, 2003: 155).

A nona pergunta foi sobre o que elas pensam da homossexualidade e por que elas pensam assim:

Maria: *“Eu acho comum, é uma opção, não é? É opcional.”*

Tereza: *“Eu acho normal, porque cada um escolhe viver como quer.”*

Joana: *“Um pouco complicado dizer o que eu acho, mas ultimamente está sendo normal.”*

Lúcia: *“Eu não tenho o q dizer, mas cada qual segue seu lado sexual.”*

Embora o discurso das mães em sua maioria seja de aceitação da homossexualidade na sociedade, ela ainda é vista como uma opção, uma escolha e não como uma construção social e cultural, como uma construção identitária ou mesmo como uma forma diversa e legítima de expressar o desejo e a sexualidade.

É válido enfatizar, que acima de qualquer opinião, o respeito é fundamental nas relações. A homossexualidade não é uma doença, não deve ser julgada como anormal.

A décima pergunta foi o que elas fariam caso seu(ua) filho(a) fosse homossexual:

Maria: *“Eu orientaria...”*

Tereza: *“Eu iria apoiar porque eu não iria poder fazer nada, não iria colocar pra fora, eu iria ter que apoiar não é?”*

Joana: *“Tentaria conversar pra ver se eles querem isso mesmo e a gente ia ter que conversar, se faz ele feliz e se sente-se bem tranquilo assim.”*

Lúcia: *“Eu ia apoiar o meu filho.”*

A adolescência é uma fase de grandes mudanças como outrora foi dito, assim é necessário que os pais tenham paciência e respeite as decisões de seus(uas) filhos(as) por meio do diálogo, lembrando-se que de acordo com Erikson (1968) eles estão passando pelo processo de formação da identidade e isso:

[...] requer um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental pelo qual o indivíduo se julga à luz daquilo que percebe ser a forma como os outros o julgam em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles (Erikson, 1968, p. 22)

Desse modo, almeja-se que pais e filhos aprendam a conviver de maneira mais sadia, mantendo um diálogo aberto. Os pais precisam apoiar seus filhos, ajudando-os a passar por essa transição, afinal, a adolescência é só uma fase.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo sobre sexualidade nos relacionamentos familiares tem sido um tema de debate crescente na contemporaneidade. Certamente pelo reconhecimento da sua relevância na vida de todos aqueles que compõem a família. Esta grande instituição é a base de todo o indivíduo, antes de qualquer outra é no seio familiar que a criança cresce e se desenvolve. É nele também que o ser aprende suas primeiras lições de princípios e valores como o respeito às diversidades.

É certo que Não existe nada mais complexo do que as relações humanas. Portanto, sabendo da importância do diálogo entre pais e filhos, esta pesquisa foi realizada trazendo algumas considerações de como os pais têm dialogado com seus filhos a respeito de temas tão urgentes nos dias atuais, como por exemplo, sexo, sexualidade e gênero. A sexualidade é parte do ser humano e, sendo assim, do seu bem-estar, até o fim de sua vida, ela está sim ligada ao sexo, mas não só isso, tem também haver com a orientação sexual, o prazer e a intimidade. Desse modo, o(a) adolescente precisa ser ouvido(a), respeitado(a).

É na adolescência que surge uma explosão de desejos já que essa fase marca o início da puberdade, com as mudanças em todo o corpo, por consequência destas transformações, surgem também os medos, a insegurança, as dúvidas e questionamentos. Se esse indivíduo não encontrar nos pais o diálogo claro sobre essas questões, certamente, irá procurar respostas com os amigos e internet. Se os pais se abrirem para dialogar sobre sexo, masturbação, orientação sexual, entre outros, sem levar em conta os tabus que a sociedade impõe, o(a) adolescente verá neles amizade e empatia.

Apesar de vivermos em pleno século XXI, onde os diálogos sobre sexualidade são cada vez mais comuns, ainda se vê condutas antigas. Alguns exemplos disto é a existências de rapazes que se incomodam em se relacionar com garotas que não são mais virgens; Ainda existem também meninas que não sabem ao certo o momento para ter a sua primeira relação sexual. Esses e muitos outros pensamentos podem e devem ser dialogados em família.

Compreende-se que não existe uma fórmula para lidar com a sexualidade na adolescência, contudo não é por isso que não podemos pensar em caminhos possíveis como a inserção do diálogo nas relações familiares. Para isso os pais precisam abrir a mente para um novo horizonte de compreensão, com ideias abertas sobre algo tão natural como é a sexualidade.

Ainda é válido salientar que aquilo que ainda é representado atualmente pelos conceitos de gênero e orientação sexual serve como mecanismo de poder para a existência da desigualdade entre homens e mulheres, sendo estes heterossexuais ou não. Partindo do pressuposto de que os sujeitos estão em constante construção, faz-se pertinente a análise e reformulação de tais pressupostos que tem a tendência de banir as muitas formas de performances.

Todos sabem que alguns costumes, tradições e até mesmo normas sociais consideradas nocivas, necessitaram anos, décadas e porque não dizer séculos para passar por questionamentos e mudanças que ocorreram. Mudanças estas, a respeito de uma visão heterogênea que tenta de todas as maneiras enquadrar os sujeitos de forma idêntica, esquecendo-se de suas individualidades e subjetividades. Deve-se então, partir inicialmente, de uma avaliação sobre como as normas sociais estão funcionando, no que elas realmente se apoiam e de que maneira foram produzidas e reproduzidas. Só assim, se poderá passar por reformulações que possibilitem novas realidades que deem lugar a liberdade que todo indivíduo almeja ter.

A presente pesquisa esclarece, portanto, que dialogar com o adolescente é o caminho certo para uma relação sadia e para a formação de cidadãos autônomos, respeitosos, felizes e certos de suas escolhas. Que o diálogo esteja sempre presente nas relações familiares, de maneira a resolver os mais variados problemas que possam existir nessa instituição, contribuindo para a construção de adolescentes livres de preconceitos das dissidências de gênero e sexualidades e conscientes das formas de prevenção das ISTs e da gravidez sem planejamento.

Buscou-se, nesta pesquisa, contribuir para uma melhor compreensão a respeito da sexualidade na adolescência e as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos frente as discriminações e preconceitos que permeia a sociedade vigente, bem como às regras heteronormativas, que limitam suas expressões de gênero e sexualidade em todos os contextos sociais. Carecemos assim, de mais pesquisas

acerca desse tema, que sejam aprofundadas as análises sobre inúmeras situações e limitações referentes às orientações sexuais e as identidades de gênero.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A., & Knobel, M. (1990). **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007

ALBERNAZ, Lady Selma; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação: interpretações e reflexões para a formação docente**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-95. Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm>

ALMEIDA, José Miguel Ramos de. **Adolescência e maternidade**. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Disponível em:

<http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRAVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

ARIÈS, Philippe. **L Enfant et la vie familiale sous**. Ancien Régime Traduzido da terceira edição, publicada em 1975 pela Editions du Seuil, de Paris, França, na serie Points Histoire, dirigida por Michel Winock Copyright 1973 by Editions du Seuil Edição para o Brasil. Disponível em: <http://files.grupo-educacional-vanguard8.webnode.com/200000024-07a9b08a40/Livro%20PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia.pdf>

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4766>

BOCARDI, Maria I. Brandão. **Gravidez na adolescência: o parto enquanto espaço do medo**. São Paulo: Arte e ciência, UNIMAR, 2003. Disponível em:

<http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRAVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 235 p. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000100209

CALLIGARIS, C. (2000). **A adolescência**. Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

CAPELATTO, I. **Diálogos sobre a afetividade**. Campinas: Papyrus, 2016.

Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/107_sarti_cynthia_termo.pdf

CIAMPA, A. C. Identidade. In: _____. **Psicologia social; o homem em movimento**. 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível em:
<file:///C:/Users/Rafael/Downloads/Dialnet-Sexualidade-6202549.pdf>

CHARBONNEAU PE. **Adolescência e sexualidade**. São Paulo: Paulinas; 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>

DELPHY, Christine. Patriarcat (Théories du) In: HIRATA, Helena et alii. (org.). **Dictionnaire critique du féminisme**. Paris: PUF, 2000. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004

DESPRATS-PÉQUIGNOT, C. (1992/1994). **A psicopatologia da vida sexual**. Campinas: Papirus. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000100130

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William B. **Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais**. Estudos de Psicologia 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/Rafael/Downloads/Dialnet-ComunicacaoEntrePaisEAdolescentesAcercaDaSexualida-5558844.pdf>

DIAS, M. O. (2011). **Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: O processo de comunicação no sistema familiar**. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139156. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100002

DURHAM, Eunice Ribeiro. **Família e reprodução humana**. In: A dinâmica da cultura: estratégia de antropologia. São Paulo: Cosacnaifv, 2004. Disponível em:
<http://www.faculdaescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRAVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

ERIKSON, E. H. (1976). **Identidade, juventude e crise**. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1968). Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007

FERNANDES et al. **Gravidez na Adolescência um Problema Social: visão de um grupo**. In: Alves MDS, Pagliuca LMF, Barroso MGT, organizadores. *Cultura e poder nas práticas de saúde: sociedade, grupo, família*. Fortaleza: Pós - Graduação/DENF/ Universidade Federal do Ceará; 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400007

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em:
http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica_d_e_Pesquisa_I_Aula_2.pdf

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996 329 p. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7) Disponível em: <http://npa.newtonpaiva.br/psicologia/e1-22-adolescencia-uma-construcao-social/>

FOUCAULT, Michel. F86h **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Do original em francês: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf

FURLANI, J. (2005) **O bicho vai pegar!** - um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Tese do doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/652/918>

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. (1996). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo, SP: Martins Fontes. Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRANVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

LEININGER MM, editor. **Culture care diversity and universality: a theory of nursing**. New York: National League for Nursing Press; 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>

LEVINSKY, David. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007

LIMA, L. L. da G. (1996). **Confissão e sexualidade**. In R. Parker, R. M. Barbosa (Orgs.), *Sexualidades brasileiras* (pp. 38-50). Rio de Janeiro: Relume Dumará/ABIA:IMS/UERJ. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006

LIPP, M. (Org.) **O adolescente e seus dilemas: Orientação para pais e educadores**. Campinas: Papirus, 2014. Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/107_sarti_cynthia_termo.pdf

LOURO, Guacira Lopes, **Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer** », Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 76 | 2006, posto online no dia 01 outubro 2012, consultado o 14 novembro 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/879>

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ AMH, Berni NIO. **Feminino e Masculino: repercussões na saúde dos adolescentes**. In: Ramos FRS, Monticelli M, Nitschke RG. organizadores. Projeto Acolher: Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: Aben/Governo Federal; 2000. p.37-45. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400007

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)/ Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/publicacoes-textos-e-artigos/publicacoes/publicacoes-1/situacao-da-adolescencia-brasileira-2011>

MELUCCI, A. (1997). **Juventude, tempos e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Educação – ANPED 5 e 6, 05-14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07>

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos>

MONESI, A. A. (1993). **Adolescência e vivência da sexualidade.** In M. Ribeiro (Org.), *Educação Sexual: Novas idéias, novas conquistas* (pp. 91-100). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006

OLIVEIRA, A. C. **Famílias cuidados e políticas públicas no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro. Acervo, n.30, n.1, p. 195-208. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1227.pdf>

OLIVEIRA, Jaqueline Pereira de. **Mulheres na economia solidária: possibilidade de reconhecimento e emancipação social.** Revista Sociedade e Cultura, vol. 1, n.2, Jul/Dez 2008 Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/107_sarti_cynthia_termo.pdf

OLIVEIRA, NHD. **Recomeçar: família, filhos e desafios.** São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2009. 263 p. ISBN 9878-85-7983-036-5. Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRAVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

PERROT, 1987, p. 8. Tradução livre. **"La mixité de l'emploi n'est jamais indifférenciation, mais une nouvelle hierarchie des differences.** Elle permet aux hommes de se distinguer." Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200012#top4

PORFÍRIO, Francisco. **"Bullying"; Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>.

PRATTA, EMM.; SANTOS, MA. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>.

PEREIRA, E. D. (2008). **Desejos polissêmicos: discursos de jovens mulheres negras sobre sexualidade.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006

PETRY, A. R; MEYER, D. E. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa.** Textos & Contextos: Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabyy/Downloads/292-Texto%20do%20artigo-1141-1-10-20170717.pdf>

Ramiro, L., Reis, M., Matos, M., Diniz, J., & Simões, C. (2011). **Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes.** *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29(1), 11-21. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872017000200012

RANGEL, D. L. O., & QUEIROZ, A. B. A. (2008). **A representação social das adolescentes sobre a gravidez nessa etapa da vida.** *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 12, 780-788. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100015

RESSEL, L. B., JUNGES, C. F., SEHNEM, G. D. & SANFELICE, C., (2011), **A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes, Escola Anna Nery**, 15 (2), Rio de Janeiro. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/12765/1/Maria%20de%20La%20Salette%20Carvalho%20Costa%20Cruz.pdf>

RICH, Adrienne. (2010). **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, 4 (5), jan./jun, pp. 17-44. (Obra original publicada 1980). Disponível em: <https://www.algossobre.com.br/psicologia/heterossexualidade-compulsoria-a-obrigacao-de-desejar-o-sexo-oposto.html>

ROUDINESCO, E. (2003). **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Zahar. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200003

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, Patriarcado, Violência.** Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29951/1/TESE%20Final%20-%20SIMONE%20BRAND%20c3%83O%20%20%20%281%29.pdf>

SALIH, S. Judith Butler e a Teoria Queer. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. 235 p. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982015000100209

SARTI, Cynthia Andersen. **A Família como Espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo.** Tese de Doutorado Departamento de

Antropologia Cynthia Andersen Sarti. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo. São Pulo, 1994. Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/107_sarti_cynthia_termo.pdf

_____. **“Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro”**. Cadernos Pagu, n. 16, p. 31-48, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Autores Associados, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>

SZYMANSKI, Heloisa. **Teoria e “teorias” de famílias**. In: BILAC, D. Elisabete; CARVALHO, M. do C. B. de (org); COVRE, M. de L. Manzini. GENOFRE, R. Mauricio; GOMES, V. Jerusa; MELO, Sylvia Leser de; ROMANELLI, Geraldo; SARTI, A. Cyntia; VITALE, M. A. F. A família contemporânea em debate. São Paulo: Educ/Cortez, 2002. P. 23-27. Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRAVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. v.20 n.2, p.71-99. Porto Alegre: 1995 (edição revisada). Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA O_FISICA/monografia/Pereira.Netto_genero.pdf

STENGEL, Márcia. **Obsceno é falar de amor?: as relações afetivas dos adolescentes**. 1996. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_MartinsMRC_1.pdf

SZAPIRO, A. M., & Feres-Carneiro, T. (2002). **Construções do feminino após anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 179-188. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100002

TAKIUTI, A. D. (1997). **A saúde da mulher adolescente – 1993**. In F. R. Madeira (Ed.), Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil (pp. 213-290). Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos. Disponível em: <http://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/E%20AGORA%20GRAVIDA%20PERCEPCOES%20FAMILIARES%20SOBRE%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCENCIA.pdf>

THIENGO MA, Oliveira DC, Rodrigues BMRD. **Representações sociais do HIV/Aids entre adolescentes: implicações para os cuidados de enfermagem**. Rev Esc Enfermagem USP. 2005; 39(1): 68-76. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>

TONELLI, M. J. F. (2004). **Direitos sexuais e reprodutivos**: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. *Psicologia & Sociedade*, 16(1). Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006

TROST, J. (1980). **The concept of one-parent family**. *Journal of Comparative Family Studies*, 11(1), 129-138. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000100002

VILAR, D., & FERREIRA, P. (2009). **A educação sexual dos jovens portugueses** – Conhecimentos e fontes. *Educação Sexual em Rede*, 5, 2-53. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872017000200012

VITIELLO, N. (1994). **Reprodução e Sexualidade**. São Paulo: Ceich. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006

Waldman, L. (1997). **E Agora? Tenho um filho adolescente**. São Paulo:

Mercuryo. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007

ZAGONEL IPS. **O ser adolescente gestante em transição**: sob a ótica da enfermagem. Pelotas: Editora Universitária; 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>

ZAGURY, T. (2001). **Limites sem trauma**. (12^a ed.). Rio de Janeiro: Record.

Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007

ANEXOS:**QUESTIONÁRIO PARA ADOLESCENTES****1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

Idade:

Identidade de Gênero: () Mulher () Mulher transexual () Homem () Homem transexual () Travesti () Não Binário () Gênero fluido () Outro: _____

Orientação sexual: () Lésbica () Gay () Homossexual () Bissexual ()

Heterossexual () Pansexual () Assexual () Outro: _____

Estuda? _____

Qual Ano? _____

Raça/etnia: () Preta, () Parda, () Branca, () Amarela, () Indígena

2. Você já ouviu falar em sexualidade? Sabe dizer o que ela significa?

3. Como é o seu ambiente familiar quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade?

4. Você já teve alguma dúvida sobre sexo, gênero ou sexualidade? Qual?

5. Quando precisa tirar essas dúvidas a quem você recorre?

6. Você tem alguma pessoa amiga LGBT? Como é seu relacionamento com ela?

7. Você é virgem?

8. Já ouviu falar em ISTs? Diga em suas palavras o que significa.

9. Conhece Alguém na sua idade que tenha engravidado, ou que esteja grávida?

10. Por que você acha que essa gravidez precoce aconteceu?

11. O que seus pais acham da diversidade sexual ou das pessoas LGBT?

12. E Se você fosse uma pessoa LGBT você conversaria sobre isso com seus pais? Por que?

13. Seus pais ou familiares conversam com você sobre como se prevenir de riscos como uma gravidez ou ISTs? O que eles falam sobre esses assuntos?

14. Se pudesse mudar algo em seu relacionamento familiar, o que mudaria?
Justifique.

QUESTIONÁRIO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

1. Identidade de Género:

Mulher Mulher transexual Homem Homem transexual Travesti Não Binário

Orientação sexual:

Lésbica Gay Homossexual Bissexual Heterossexual Pansexual Assexual Outro: _____

2. Idade [_____]

3. Sua situação conjugal é:

Casado(a) mãe/pai solo Divorciado(a) Vive com alguém Viúva/viúvo

4. Seu(ua) Filho(a) já fez questionamentos sobre sexo? Se sim, como você reagiu?

5. Você acha que é comum os adolescentes terem dúvidas sobre sexo, sexualidade e gênero? Por que

6. Para sanar essas dúvidas, quem você acha que ele(a) deveria recorrer?

7. Se você pegasse seu (ua) filho(a) se masturbando o que você faria? Por que teria tal reação? Justifique abaixo.

8. Como é o relacionamento entre você e seu(ua) filho(a) no diálogo sobre sexualidade?

9. O modelo tradicional de família mudou e hoje entre essa nova instituição está a família homoparental (casais homossexuais que adotam crianças). O que você pensa desse modelo de família?

10. O que você acha da homossexualidade? Por que você pensa assim?

11. Se seu filho ou filha demonstrasse interesse pelo mesmo sexo, o que você faria?
